

23 de julho de 2025
nº4
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

5

**“CASSANDRA: ENTRE O GRITO QUE NÃO SE
OUVE E A IMAGEM QUE SE REVELA”**

YMOIRÁ MICALL

12

**A BENÇA, VORACIDADE:
INVISÍVEIS MONUMENTO**

MARCUS GROZA

APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

19

QUANDO O SILÊNCIO FALA PRIMEIRO

ANA MACHADO

23

**SALVE AS FORÇAS DESSA GRANDE ÁRVORE:
CIDA MOREIRA**

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

29

ESPAÇO – ENTRE

MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE



CHARGES

33

BARULHO

GABRIEL

FERMENTAÇÃO NATURAL

34

“ENTÃO FOI VOCÊ?!”

BERINJELAS FRITAS

37

SOMOS FILHOS DA TERRA

LABIRINTO DO MEIO DIA

40

O AMOR NA PRÁTICA É SEMPRE TEORIA

CIA TAL&PÁ

43

MERO E SUAS PROFUNDEZAS

NÚCLEO ATUARÁ

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

47

**“EU CANTEI QUE O MUNDO ACABOU,
POR QUE ELE ACABOU MESMO”**

JHONY FURLANETO



CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

49

SOBRE TEMPUS FUGIT

JHONY FURLANETO

53

LEMBRA DE MIM?

ANA MACHADO

55

AS MORTES QUE VIVEMOS

VICTÓRIA MENDES

BASTIDOES

57

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

EXPEDIENTE

60





“CASSANDRA: ENTRE O GRITO QUE NÃO SE OUVE E A IMAGEM QUE SE REVELA”

POR YMOIRÁ MICALL

apreciação para o espetáculo *Por Visões*,
a partir do painel conduzido por Valéria
Rocha – Conservatório de Tatuí.

Em meio a uma programação carregada de música, discursos, festa, deslocamentos y interações com outras coletividades, a Cia Passo a 2 de Teatro chega na 30ª edição do FETESP com apresentações

de “Por Visões” no Salão Villa Lobos, do Conservatório de Tatuí. Maria Clara Ferrer, que assina direção y dramaturgia, nos faz refletir de maneira lúdica e poética sobre o valor da confiança, violências perpetradas, o amor, as diferenças, o silêncio y a busca por uma outra via entre conflitos. A princípio, o que parecia ser um leve desconforto, se transformou na experiência imersiva mais aconchegante para uma arquibancada de estudantes deslumbrados com a audácia daquelas duas figuras rebeldes em cena. Concebido como uma palestra teatral, “Por Visões” estabelece um jogo que transita entre aquilo que ouvimos sem ver e aquilo que vemos sem ouvir. Nesse jogo é instaurado um lugar de fala, onde se possa criar experimentos. O conceito de ‘lugar de fala’ é usado em muitos contextos, como comunicação, direito e análise do discurso para localizar econômica, social, política e culturalmente a origem de uma dada narrativa, no sentido de compreender de onde vem a ‘voz’ que fala sobre determinado tema. Nesse caso, as atrizes Juliana Monteiro y Maria Cordélia utilizam do seu lugar de fala de atrizes-criadoras para encenar o mito de Cassandra – mulher visionária, de grande beleza y dotada da capacidade de profetizar. Na mitologia grega, Cassandra é conhecida como uma princesa troiana, filha dos reis Príamo e Hécuba, uma jovem excepcional que, por se opor ao desejo do deus Apolo, passa a ser descredibilizada, sendo por isso, considerada louca ao tentar comunicar à população suas previsões sobre a guerra e a desgraça que haveriam de se abater no reino de Tróia. Os códigos que compõem o contexto da conferência são revirados, permitindo o surgimento de outras camadas de leitura dessa situação.

O cenário do espetáculo tem um aspecto brutalista,

com uma instalação ao fundo da cena, completamente revestido em saco plástico deteriorado. No centro da parede há um buranco que revela uma segunda camada na cor branca. O chão está tomado por uma pequena montanha de britas. Uma mesa, duas cadeiras, copos de vidro, microfones, caixas de som, um modulador de voz, um projetor y uma câmera filmadora compõem os elementos da cena. Tudo se inicia ao som de ‘Bubuia’ interpretada pela cantora Céu. Os figurinos são de veludo molhado nos tons verdes y marrom, com botas de borracha. Um único refletor na luz branca ilumina atrás da arquibancada da plateia em direção ao espaço cênico resignificado. Existe algo que não ouvimos entre essas duas palestrantes, ora guerreiras, ora amantes, ora Cassandra e Apolo, mas que vemos acontecendo nesse cenário nada acolhedor, com roupas refinadas que, se contrasta com o significado de leveza da própria canção. O que está por trás do mito? Para descobrir, será necessário antes alguns experimentos que nos ajudem a compreender essa relação em conflito. A mesa que antes servia para apoiar os copos de vidro com água, agora está revirada em direção a plateia, como uma trincheira, servindo de painel descritivo. Com um giz, uma delas materializa a palavra y nos conduz primeiramente a investigar vazamentos sonoros.

O espaço, mesmo que tomado por diversas interferências sonoras, ainda não será totalmente preenchido, y através de uma demonstração graciosamente histórica, uma das atrizes projeta um grito dentro de um copo de vidro. O grito não cabe dentro de um copo, o som tem a capacidade de transbordar. Ao

mesmo tempo em que somos surpreendidas por essa essa conclusão, somos arrematadas por acordes de um piano tocado na sala ao lado, validação na prática. Essa pedagogia do som, elaborada para nos aproximar cada vez mais do contexto da obra, nos auxilia a ampliar nossos sentidos, a aguçar nossa sensibilidade y a nos questionar sobre a credibilidade da existência dos fatos. Se a gente não vê o mesmo experimento acontecer diante de nossos olhos, seria possível acreditar que realmente aconteceu? A tecnologia dos tempos modernos nos possibilita encurtar distâncias, recriar mundos, alterar dados genéticos, mas também - em contramão do desejo - nos empurra a um comportamento obsessivo de massa sobre a concretude dos fatos: “é necessário o print para validar a informação”, comenta Juliana. Não curiosamente, o uso coerente dessa tecnologia no espetáculo “Por Visões”, nos possibilita avançar nos experimentos sonoros. Acompanhada por uma filmmaker, Juliana vai para fora do teatro. Do lado de dentro vemos sua imagem reproduzida no buraco do fundo de cena com uma camada branca. Ali, em meio à cantoria proferida por Maria — Apolo —, vemos Juliana — Cassandra — projetada aos berros do lado externo, como um filme-ensaio que vemos, mas não escutamos. Caleidoscópios em cores degradês compõem essas imagens projetadas, como se por algum instante pudéssemos ver através dos olhos dela. A relação desse experimento é proveniente da personagem que se revela aos poucos. Os gritos em silêncio de Cassandra revelam um aparente colapso, enquanto vocais sublimes em delay e reverb do lado de dentro preenchem o espaço. Ela se tornou um símbolo do silenciamento de vozes que fazem previsões corretas, mas sombrias – sobretudo as vozes das mulheres.

Cassandra tinha um dom oferecido por Apolo: via o que ninguém mais podia ver. Somente podia contar. Ela sabia que não deveria se entregar de vez a esse dom, pois isso lhe custaria a perda da visão por completo. Ela retorna a cena y agora com uma lira nas mãos, rompe o tempo y o espaço, estabelecendo um estado meditativo. Essa longa sequência etérea das duas atrizes em comunhão, nos guia diretamente ao segundo experimento: a criação de silêncio. Toda e qualquer interferência sonora que surge dentro y fora da sala se torna uma ameaça. Isso não é uma brincadeira! Estamos criando silêncio, ele não existe! Somos cooptadas por um desafio: parar y respirar. As duas atrizes seguem a um encontro desprezioso ao centro da cena y se beijam. Esse ato cria uma nova suspensão do tempo-espaço y propõe uma nova curva para o silêncio. Não havia amor entre Cassandra y Apolo, mas o beijo colocou todo mundo no mesmo lugar. Está tudo dentro de um beijo: a dúvida, o desconforto, a língua, a pausa, o diálogo. A maldição de Apolo contra Cassandra é fazer com que ninguém acredite em suas visões. Ele cospe na boca de Cassandra. Em outras perspectivas isso também pode significar amor, porém saliva indesejada é gosma.

Então, chegamos ao terceiro y último experimento, onde investigamos a cacofonia de Cassandra. Ela escolhe a consciência para falar com a própria voz. E nesse momento somos apresentados a um guerra, entusiasmada por copos de vidro atirados na parede ao fundo. Uma guerra cabe dentro de um copo? Dentro de um beijo cabe uma guerra? A palavra não dá conta, mas é também através dela que surge o ímpeto de criação dessa obra. O silêncio escrito no tampo da mesa também não ouvimos, mas vemos. Essas sinapses nervosas dão luz a esse cenário pós

guerra de copos quebrados, cadeiras reviradas y um amontoado de britas que se movem debaixo dos pés fervorosos das atrizes. Novamente, “Bubuia” é interpretada, porém agora na voz de Juliana Y Maria, como se a catarse de estar viva na imensidão do ser seja essa ‘desconfortável’ vontade de silenciar as guerras internas, confabuladas de acordo com a velocidade da época.



FOTO JOÃO MARIA



A BENÇA, VORACIDADE: INVISÍVEIS MONUMENTOS

POR MARCUS GROZA

apreciação para o espetáculo *Vazio Agudo: Uma utopia poluída*, a partir do painel conduzido por Amanda Tavares Dias – VQV e Douglas Emílio – Conservatório de Tatuí.

“Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes [...]
Para onde vão, fatigadas do sonho?”

Cruz e Souza

A bença, Vó.

Vó de vozes veladas, que ainda desenham os trejeitos nas bocas dos netos.

Vozes migrantes, transeuntes, transumantes, bairros dormitórios, centros expandidos, estacionamento por hora, leilão das hipotecas não pagas.

Quais vozes mortas falam pela sua boca?

Eu já tive vergonha do meu sotaque, do meu “erre retroflexo”. Eu só soube que ele tinha esse nome muito anos depois de usá-lo. O bullying dá nome a coisas que só existiam, soltas.

Nego Bispo ensina que força coletiva não é sindicalismo, que ecologia é uma palavra devastadora... A língua em que escrevo estas palavras também.

Quem pode dizer que o sotaque de SP não é o nordestino, se é o que mais se ouve nas periferias?

Os vozerios se levantam sem idioma, depois tentamos traduzir. Às vezes nos entendemos.

A vida é impregnada como um pano de prato, encardido, no ombro de uma mãe-preta.

As manchas no pano de prato, como as rugas e as cicatrizes na pele, são a impressão silenciosa do tempo, das maratonas cansativas de cuidados.

Uma cidade grande – ou o lugar dos “corres” – é um acúmulo de manchas e cicatrizes na pedra, palimp-

sestos mais de feridas que cicatrizes, na verdade.

Aos olhos apressados, existe um imperativo da pedra como suporte da memória: pedra, letra, papel, lei. As vozes – redundante, mas necessário lembrar que voz é corpo – são relegadas ao efêmero, ao que é jurado de morte e esquecimento. Por isso os senhores das cidades constroem monumentos na pedra, museus neoclássicos, não jardins de murtas imprevisíveis e múltiplas.

Aos olhos atentos, não escapa a observação/sensação de outros tantos tipos de “monumentos”.

Os baobás são monumentos. A Amazônia é um monumento – lá, dizem, já foi um deserto. O Peabiru é um monumento. A banana, o milho, a mandioca que nos alimentam hoje são monumentos, herança que testemunha uma tecnologia ancestral, das mais finas e eficazes. Basta lembrar que a banana originária, nada doce, amarrava como caqui verde e tinha sementes. O plantio e replantio repetidos foram peneirando as características que nos interessavam e, dessa seleção de séculos, agora estou aqui, em Tatuí, cruzo a rua comendo uma banana, corro pra não perder a peça do 30º FETESP, que hoje vai ser em uma escola pública.

Mas bora lembrar que existem também monumentos imateriais, que – mais do que PATRIsmônios – são depoimentos sutis, invisíveis, não invisibilizados, de existências múltiplas, para além do pequeno arquipélago do mundo racional, diurno, científico. Os encantados são monumentos. O Mapinguari é um monumento, como a Mãe D’água é um monumento.

A peça “Vazio Agudo: Uma utopia poluída”, do Coletivo Bando Dezoito, instaura o cotidiano de uma metrópole, o movimento das atuantes carregando caixotes materializa essa energia. O espaço cênico está centrado num retângulo de piso tátil. É um metrô, uma rodoviária? Uma cidade à venda. As pessoas passam, é bonita a movência desdobrável do jogo com as caixas – de uma simplicidade extraordinária quando viram tambor para o jongo. O esterilizado, o não-lugar desumanizante da cidade convive com o sorriso que se insemna, mesmo no meio da dor, na teimosia de quem não arreda pé.

É uma coletividade de vozes que ecoa, na boca dos atores e também em relatos de pessoas em off sobre sua relação com São Paulo. Preferimos “relato” a “depoimento” pois nesta língua sua história é atrelada à sujeição: ao pé da letra, significa “colocar para baixo”; na prática algo do tipo: “mostra o que tem na bolsa! desbloqueie o celular, que eu quero ver!”. Assim, são apresentadas histórias e relatos de diversas pessoas, trabalhadoras, migrantes do norte e nordeste do país que vêm para a capital paulista.

A dança afro dá o tom da corporeidade. O elenco do Bando Dezoito tem um trabalho muito bonito nesse sentido: o grupo dança e respira organicamente, na diferença de corpos e condições que compõem o elenco. Os carismas individuais – muito fortes, inclusive – se destacam sem desatar o nó do coletivo. Assim, no que a peça nos apresenta, a corpografia age no avesso daquela memória gravada na pedra: corpos que dançam são monumentos de ancestralidade.

Fiquei pensando que a peça começa com o anúncio

de uma cidade dos sonhos: venham todos! “A cidade limpa...”. E isso me lembrou o atual slogan do Estado de São Paulo que aparece no começo de alguns espetáculos, jactando-se de toda sua “efervescência cultural”.

Sonho é benção, sonhar mexe as águas dentro e fora da gente. Mas sonho às vezes também é isca em que deixamos décadas de nossas existências.

De dentro desses fluxos da cidade, é apresentada uma sucessão de vozes e histórias. Estas aparecem em blocos, relativas a memórias que tentaram soterrar, como os rios, em Piratininga (peixe seco). Falam de representações imaginárias e monumentais sobre a cidade, das quais me marcaram principalmente a história de Chaguinha (-1821) e do Monumento à Mãe Preta (1955).

Chaguinha foi um cabo negro, de um batalhão de Santos. Por ter liderado um levante, foi condenado à morte na forca, no bairro da Liberdade, quando por três vezes escapou milagrosamente e acabou espancado: essa ocasião teria dado origem ao nome do bairro, pois quem assistia às tradicionais execuções na praça, diante do repetido rompimento da corda antes de enforcar Chaguinha, clamou: “Liberdade!”.

O Monumento à Mãe Preta, obra instalada no Largo do Paissandu, Centro de São Paulo, que representa uma mulher negra amamentando uma criança branca, na qual hoje notamos a reprodução de estereótipos de raça e gênero, serve de ponto de partida para o grupo instaurar uma reflexão sensível sobre essa violenta atribuição do cuidar às mulheres negras, ocupando-

-se dos filhos dos outros, muitas vezes tendo pouco tempo para os seus. As cenas são contundentes, as levezas existem, nos ajudam a seguir, embora às vezes se revelem ilusórias, como bolinhas de sabão. A cidade dos sonhos promete mais do que consegue cumprir, a publicidade de quem está sempre em campanha.

Dos relatos ouvidos em off, a voz de uma senhora me chamou atenção, quando disse que veio para São Paulo atrás do sonho de ganhar bem, o que ela disse não ter acontecido: “mas pelo menos trabalhei e criei meus filhos...” É bom lembrar que o épico pode ser íntimo, a instância coletiva que ecoa nas histórias pessoais.

Entre as vozes que se somaram na conversa com o público após o espetáculo, muitas destacaram essa ambivalência, o “agridoce”, uma “sensação de desesperança e ao mesmo tempo de esperança”, “flor no meio do concreto”. Falaram de “sensação de estar sem chão, não pertencimento”, de “sátira”, de entender a peça como “um manifesto, um levante”. Outra pessoa destacou que via o espetáculo sem a romantização da “mãe preta”; outra ainda disse que “queria ter visto mais do sonho”. Por fim, lembro de uma dizer que não adianta assistir à peça e aplaudir a crítica, se “a gente reflete, depois dorme e esquece”.

FOTOS JOÃO MARIA





QUANDO O SILÊNCIO FALA PRIMEIRO

POR ANA MACHADO

**Bolsista de Apreciação Crítica para o
espetáculo *Por Visões***

Tamanho é o desconforto de um silêncio. Tamanha é a força de sua presença. Seria o grito a única forma de comunicação? Teria a palavra algum significado nesse tempo? Se sim, em qual espaço? Em que momento? Há beleza nas dúvidas criadas pelo espetáculo *Por Visões*, onde o público busca seu interesse freneticamente no não-dito, na ausência do som ou da imagem. Afinal, a maior questão: o que é crível e o que não? Sob qual perspectiva?

A Cia. Passo a 2 de Teatro – dedicada à investigação cênica em diálogo com outras linguagens artísticas, incluindo nesse mergulho um olhar para questões pedagógicas e que abarcam uma terapêutica dos sentidos – tanto nos ensaios quanto na apresentação, recebe o público com uma seriedade quase intimidadora em um tipo de palestra. As atrizes possuem uma química em seus corpos, uma conversa na troca de olhares, brincando com as oposições de suas personas que, ao mesmo tempo, se complementam. Sua postura nos coloca estáticos, hipnotizados em conhecer cada vez mais a criação do silêncio. Escute. Não escute. Veja. Não veja. Feche os olhos e tenha uma mistura de experiências, da reunião de perguntas sobre nossas próprias vivências levando em conta o vazamento sonoro que nunca desaparece.

Engraçado pensar que isso, na verdade, é muito difícil. Entender que, o que antes era considerado normal, enraizado em nossos corpos, agora está sendo desafiado; apagado ao longo do tempo. “*É da natureza do som vazar. É da natureza da imagem prender-se à matéria*”, porém é preciso ver para crer? É preciso ouvir para crer? Qual a natureza da quietude? Há uma recriação contínua sobre os significados existentes que nos atravessam, porém, nada parece ser suficiente. O grito constante segue em vão, e o silêncio, nunca parece ser uma opção.

Enquanto isso, inspiradas no mito grego de Cassandra, as atrizes orbitam mais uma questão que permeia a nossa era: qual o valor da palavra quando ninguém acredita nela? O interessante é que o grupo escolhe não responder com discursos inflamados – apesar de haver uma conscientização direta ao que se apresenta – mas deixa que a plateia trabalhe sua mente

incessantemente ao mostrar diversas situações que partem da violência, do amor, angústia, dor, guerra, alegria, sono... Onde cabe a palavra hoje em dia? E o silêncio?

Entramos em um tipo de transe pelo que não percebemos, mas que sempre está ao nosso redor. A atmosfera nos engole para compreendermos cada vez mais o universo que as atrizes nos chamam para participar, porém, impactados, apenas observamos. As experiências de contar e colocar em prática, como um jogo de “ação e reação”, torna o assunto tão fluido que nos insere em uma grande aula capaz de nos deixar conscientes das “sinapses acontecendo” como bem disse uma pessoa na troca final com o público.

Há um rigor explícito no decorrer do processo, mostrado principalmente pelos elementos concretos em cena – pedras, mesa, pá, copos que são estilhaçados pelas próprias atrizes – mas há também uma generosidade de abrir um espaço para incertezas, ou melhor, na criação de um novo pensamento diante da nossa realidade maçante. A pesquisa da Cia. Passo a 2 de Teatro junta a sensibilidade com apontamentos firmes, reeducando a nossa escuta e, claro, a nossa pausa, a tarefa de pôr em prática a quietude também como uma forma de existência.



FOTOS JOÃO MARIA



SALVE AS FORÇAS DESSA GRANDE ÁRVORE: CIDA MOREIRA

POR LUCAZ EUSÉBIO

**Bolsista de Apreciação Crítica para o show
*Cida Moreira***

O que é necessário que o artista faça, para que ele possa ser o que ele quer na frente do outro?

Quais foram os caminhos que ele precisou trilhar para chegar até ali?

Quem é Cida Moreira?

Assim como eu, muitas pessoas presentes na plateia do Teatro Procópio Ferreira, no Conservatório de Tatuí, ainda não tinham assistido à um show de Cida Moreira, tampouco visto ela nos palcos do teatro. Cida, uma escorpiana de cabelos de fogo que ostenta majestosamente seus 73 anos de idade, se apresentou nessa terça-feira, no 30º FETESP para uma plateia de jovens e adolescentes estudantes de teatro.

No palco, um piano de cauda preto iluminado de modo cônico espera por Cida, que chega devagar. Após os avisos sonoros e sob os gritos eufóricos da platéia, Vilmar, um funcionário do Conservatório, auxilia Cida a caminhar da coxa até a banqueta.

Com um vestido preto de estampas com cores vivas e brincos que brilham, ela começa a conversar com o piano. De lado para o público, é possível ver seu riso pequeno, que começa na boca reverberando à garganta, para se expandir na Voz-Narrativa. A mão que dança firme nas teclas do piano ressoa Corpo-Espaço. Um trovão que vai passeando do grave ao agudo. O show se abre com Cajuína, de Caetano Veloso, seguida de “É hora do almoço” de Belchior. Numa interpretação dramática, algumas palavras vão sendo enfatizadas e as que ficaram mais marcantes na força que a voz trouxe, para mim foram as “Neeegra cabeleira” e o jogo de “coisa parecida e Aparecida”. Aparecida, como o nome que a cantora carrega.

As cores da luz mudam no espaço para que possamos ouvir agora “Menino bonito” de Rita Lee e

Tutti Fruti. E é no rasgar da voz ou deixando ressoar apenas uma nota do piano no silêncio, que vamos sendo conduzidos a mergulhar num universo denso, próprio da intérprete. Onde chegaremos? Começa a não importar, somente o aqui e agora é o desejo. A cada canção, aplausos fortes e a cada início uma contextualização ou comentário é feito pela cantora. E assim tocamos, pela voz da cantora, em Angela Ro Ro, Pedro Abrunhosa, Sérgio Sampaio e outros.

Mas é quando Cida anuncia que irá cantar Chico Buarque que o inesperado acontece.

O público, ao ouvir a frase “Ópera do Malandro”, não consegue se conter – a peça musical de 1978, de autoria de Chico, é o objeto de pesquisa dos da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí na atualidade – alguém grita “eles estão montando a peça aqui!”. Pronto! Surpreendida, mas nunca pega desprevenida (como toda boa atriz), já mudou o rumo da conversa e driblou o próprio repertório, tocando um trecho de “O malandro nº 2”. O teatro se expandiu num coro enorme de gerações transpassadas. A alegria tomou conta dos corpos que batiam palma, cantavam e interagiam. E como se não bastasse, ela ainda nos deu uma palinha da música em alemão. Para quem estava esperando assistir apenas uma apresentação musical, de repente ganhou uma aula de teatro. Que continuou com Cida falando um pouco de como foi a experiência em participar da primeira montagem da obra, no Rio de Janeiro.

A essa altura eu já estava em lágrimas, tão feliz e emocionado com a força viva da arte e com o poder que o teatro tem de unir os tempos. Naquele mesmo

palco, no dia anterior, por ali haviam passado jovens de 16 anos, famintos e esperançosos pelo fazer artístico e teatral, muitos fazendo sua primeira peça. E hoje nós estávamos diante dessa árvore há tanto tempo enraizada, com uma experiência gigantesca para compartilhar. Ah, como é lindo o encontro! Aqui possibilitado por um texto, uma canção, uma história e tudo isso junto.

Estamos imersos. Como quando conhecemos uma casa pela primeira vez e vamos indo de cômodo em cômodo conhecer suas partes; Cida foi nos dando a ver, um universo a cada canção que tinha suas marcas próprias. Num quarto, paredes azuis e riscadas de branco, com um espelho perdido onde me encontro e já me perco, uma sala cheia de móveis, quadros e arranjos, um banheiro talvez meio sujo, mas com plantas trepadeiras que buscam a luz, e da cozinha muito enfeitada, vamos chegando ao quintal, está chegando ao fim - ela diz. E não conseguimos sair. Estava tão bom o passeio! Já temos que ir agora?.

O público está suspenso, o fim começa com Summer-time. Estou petrificado, sinto vontade de gritar como o restante da plateia, mas tentando reter ao máximo a sensação daquele instante, emudeço. Lembro da história que Cida contou no camarim horas antes, de quando ao dar aula, se deparou com um aluno que tinha dificuldade em gritar e que a aula de canto virou aula de grito.

Comentando a última canção, composição francesa de uma época em que se acreditava que o mundo iria acabar, Cida sentenciou que “O mundo acabou mesmo, está começando uma coisa que a gente não

sabe o que é ainda”, mas, terminou nos convocando, “essa canção fala de um mundo imaginado, é um tempo onde tudo se torna possível, tudo se torna o bem para nós todos. É um mundo imaginário, mas a gente canta sete vezes uma coisa para que ela se torne realidade”.

Que nós possamos aprender a gritar com beleza e autenticidade, tal qual Cida Moreira e que sete vezes possamos cantar com o corpo e a palavra, o futuro do mundo.





ESPAÇO – ENTRE

POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

Estudante do 2º ano do curso de Artes
Cênicas do Conservatório de Tatuí e
bolsista ofício da Revista BULI no ano de
2025

Entre um beijo: ar, tensão e medo.

Entre um som e outro: silêncio.

Entre o silêncio: sons.

Entre os espaços: nós.

Cassandra, nas profundezas de sua sabedoria, tudo

que diz soa como silêncio, ninguém escuta ou sequer quer escutar.

Conversei com duas mulheres após vermos o espetáculo, “Por visões” da Cia Passo A 2 de Teatro. Anaí e Rafaela, deram-me descrições distintas. Anaí tem 22 anos, vem de Campinas, é uma mulher branca, de cabelos pretos e curtos, tem 1,65 de altura, sua voz tem um timbre mais próximo do agudo e ela fala de uma forma calma, pausada, como que se demorasse com as palavras. Rafaela tem 23 anos, mora em Diadema, é artista e pesquisadora. Quando perguntei sobre sua cor preferida, ela se sentiu surpreendida com a pergunta, sorriu e disse adorar a cor laranja. Contou-me sobre gatos pretos e seu adorar pelo teatro. Anaí e Rafaela, há pouco se formaram em artes cênicas pela Unesp e ambas compõem o grupo 7 Verbos.

Quando perguntei sobre o que elas viram, a conversa entrou em um campo de observações que é difícil de descrever pelas palavras. Difícil, não por que ambas não souberam se expressar, mas por que todas as pessoas que estavam ali, de algum modo, estavam impactadas e atraídas pelo trabalho, e não seria diferente com Anaí e Rafaela. O que elas viram? Viram Cassandra! Viram um beijo denso! Viram sintonia e o medo do não-dito! Viram uma realidade dura, concreta e conhecida! Falamos sobre uma estranha sensação de nos transformarmos nos objetos ao olharmos fixamente para eles. O tempo se dilata no silêncio. Temos a sensação de que o copo deixa de ser copo, assim como na projeção, a atriz deixou de ser atuante; tudo que é de alguma forma conhecido, torna-se fantástico. É como se estivéssemos em um espaço de sonhos. Repousadas sobre o silên-

PERFIL

cio, os objetos tomam diferentes formas e as visões de Cassandra se concretizaram, a guerra iniciou. O espetáculo marcou Anaí e Rafaela justamente pelo que não é falado, pela força da palavra que não pode ser escutada.





“ENTÃO FOI VOCÊ?!”

BERINJELAS FRITAS

apreciam *Cálice, o Circo*, do grupo
Labirinto do Meio Dia.

Surgido nas Oficinas Culturais da Secretaria de Cultura de Gavião Peixoto (SP), o grupo Labirinto do Meio Dia apresentou seu espetáculo *Cálice, o Circo* segunda-feira, 21 de julho, no Centro Cultural de Tatuí. A peça conta a história de artistas de um circo que investigam um mistério.

Ao assistirmos o espetáculo, tivemos noção do quanto o ser humano pode ir para conseguir o que quer e da proporção da ganância que podemos ter. É uma

peça intrigante, cheia de suspenses e reviravoltas, cobertos por doses de comédia, proporcionando reflexões diversas nos espectadores.

Outra percepção que tivemos foi sobre a necessidade das pessoas culparem umas às outras: afinal, a culpa é de quem? De quem culpa a todos e fecha os olhos para os fatos? Ou de quem segue seus desejos e faz de tudo para conseguir o que deseja? Ou de ambos?.

Cálice, o *Circo* nos faz refletir sobre esses assuntos com leveza, com um humor que faz a gente se sentir sugada pela peça, esperando ansiosa para ver quem realmente matou todos os artistas.

O fato dos atores se entregarem para o espetáculo com responsabilidade e, da mesma forma, se divertirem atuando, orienta a visão do público, dando um ar de confiança que deixa tudo maravilhoso e fluído, mostrando a todos que mesmo vindo de uma cidade pequena, o talento que eles possuem é gigante. Entretanto, uma única sugestão que daríamos ao grupo é quanto a projeção de voz, pois em algumas frases, as últimas sílabas eram perdidas quando diminuíam a voz, deixando a compreensão mais difícil em algumas ocasiões.

Para finalizar, queremos dizer que a iluminação perfeita, com figurinos e sotaques (de deixar todos maravilhados) que nos deixaram com o coração quentinho. Queremos parabenizar o grupo pelo trabalho incrível e desejar vida longa.





SOMOS FILHOS DA TERRA

LABIRINTO DO MEIO DIA

aprecia o espetáculo *Tempus Fugit*, da Cia Tal&Pá.

Na trigésima edição do renomado Festival Estudantil do Estado de São Paulo (FETESP), ocorrido na cidade de Tatuí, tivemos o privilégio de prestigiar e assistir a peça *Tempus Fugit*, apresentada pela Cia Tal&Pá, da cidade de São Paulo. Com elenco composto por 22 artistas e contando com diversos produtores e orientadores, a Cia nos concedeu na noite desta segunda-feira, dia 21 de julho, um espetáculo cheio de referências e muitas reflexões, que certamente levaremos para muito além dos palcos.

Em um mundo onde o desequilíbrio climático está cada vez mais aparente e o fim da humanidade se aproxima, Anne parte de seu bunker em busca da resposta para sua maior pergunta: “Quanto tempo ainda temos?”. Por um acaso do destino, acaba encontrando sua paixão que, poderia talvez, mudar sua vida e o destino de toda a civilização. Em um mundo onde o anseio pelo poder de controle tomou conta de cabeças e corações, e a sobrevivência importa mais que tudo, o universo pende à ruína.

Com uma boa produção e direção, atores bem preparados e com projeção de voz além do extraordinário, a peça conseguiu impressionar a todos presentes! Direcionamos ao grupo nossos mais sinceros “parabéns” pela apresentação maravilhosa.

O espetáculo nos fez refletir sobre nossos ideais e sobre como o ser humano consegue ser o responsável por sua própria extinção. E agora nos fica o questionamento: a humanidade se sacrificaria em prol da vida?

Após a apresentação no FETESP, a Cia Tal&Pá, que comemora 30 anos de existência (o mesmo tempo do Festival) entrará em férias. Desejamos bom descanso a todos e que o grupo siga por muitos anos criando seus incríveis trabalhos.

FOTO CAMILA FONTENELE



FOTO JOÃO MARIA





O AMOR NA PRÁTICA É SEMPRE TEORIA

CIA TAL&PÁ

aprecia o espetáculo *O amor na prática é sempre ao contrário*, do Núcleo Atuará.

“Uma pessoa nunca tem todos os seus direitos até que todos tenham os seus direitos.”

Marsha P. Johnson

Na tarde de domingo, 20 de julho, o espaço do Centro Cultural de Tatuí recebeu o espetáculo *O amor na prática é sempre ao contrário*, do Núcleo Atuará, de Jundiaí (SP). A peça apresenta ao público três jovens: Felipe, Isabela e Ricardo, que são divididos entre os 16 atores, tendo como base o texto “Música Para Cortar os Pulsos”, de Rafael Gomes, e a música “Ritual”, de Cazuza, que inspirou o nome da obra, além de citar “Romeu e Julieta” de Shakespeare.

As músicas selecionadas trazem nostalgia, como “Eu amo você” do Tim Maia, “Gatinha Comunista” do Vitrioles e outras que foram um grande marco em boa parte da vida de muitas pessoas.

O elenco é jovem e determinado a mudar o mundo, ou pelo menos o seu entorno, trazendo um assunto que causa identificação e reflexão por ser tão atual e pouco discutido fora da própria comunidade LGBTQIAPN+, trazendo luz para temas que muitas vezes são marginalizados. A peça teatral nos traz diversas reflexões a respeito da juventude, amor e diversidade, além do aprofundamento em si mesmo, paixões não correspondidas, busca de afeto, descobrimento da sexualidade e dependência emocional. Ricardo é um personagem homossexual que aceita sua identidade e não tem medo de vivenciar seus desejos, lida com baixa auto-estima e sua atração mal resolvida pelo amigo Felipe. Por sua vez, Felipe lida com questões sobre sua sexualidade e sua atração por Isabela, gerando uma estranheza nas relações. Olhando pelo lado da personagem Isabela, é possível identificar sua confusão emocional e a necessidade de se sentir amada e compreendida, o que acarreta grandes

expectativas e frustrações.

O cenário mostra uma descrição da personalidade de cada um através de objetos de cena trazidos pelas atrizes, atores e atuantes, como aqueles que apresentam lembranças e despertam sentimentos que envolvem felicidade e memórias profundas, refletindo a mentalidade interna dos personagens. É uma ótima representação da euforia adolescente e seus traços emocionais, pensamentos que todos passamos de forma ambígua e que formam um conjunto identificável.

O sentimento de estar perdido é algo recorrente na vida durante e após a juventude, então ver o modo como essa peça retrata o assunto faz com que seja atemporal até para os corações mais duros e envelhecidos: todos podemos e devemos amar. O amor LGBTQIAPN+ na adolescência pode ser ainda mais confuso, seja por questões internas ou a estrutura da sociedade em que vivemos.

Ao final, podemos dizer que em algum momento da vida já nos vimos sendo Felipe, Isabela ou Ricardo. O diálogo entre os personagens e a relação com a plateia nos permitem sentir mais próximos dos personagens, trazendo uma sensação de identificação e representação: quem nunca passou por uma situação como essa?



MERO E SUAS PROFUNDEZAS

NÚCLEO ATUARÁ

aprecia o espetáculo *Mero*, do grupo
Berinjelas Fritas

Mero, espetáculo do grupo Berinjelas Fritas, da cidade de Vinhedo-SP, apresentado na noite de domingo, 20 de julho, dentro da programação do FETESP, conta a história do Senhor K., um burocrata que trocou sua vida na cidade por uma viagem em alto mar, em busca do gigante peixe Mero.

No palco, vemos estudantes que montam um espetáculo a partir de jogos teatrais, exploram sua corporalidade, constroem e interligam cenas com

FERMENTAÇÃO NATURAL

movimentos coreografados, improvisações, e outras coisas que nos lembram nossas aulas de teatro. Isso cria uma identidade: é um teatro estudantil da forma mais positiva que isso poderia ser dito.

O peixe é colocado no palco como cenário, uma enorme estrutura feita de materiais plásticos pendurada ao fundo. Os fios que compõem a trama da peça são compostos por personagens que podem ser lidos pela plateia como espíritos do mar, peixes ou seres humanos.

A maquiagem e o figurino trazem a leveza e o azul do mar, ressaltados pelos movimentos corporais ondulatórios e muito bem controlados dos atores. O cenário e a iluminação formam uma espécie de aquário, ou mais que isso, um mar. Luzes azuis com círculos brancos, como uma espécie de bolhas da água, criam uma imersão no ambiente e conduzem o enredo. A história também tem outras camadas, outros temas presentes em nossas vidas. Os que mais nos tocaram: a relação entre homem e natureza; identidade de gênero.

Ao fundo do palco, uma banda executa a trilha sonora ao vivo, formada por poemas musicados pelo grupo e uma música de Milton Nascimento. Sentimos vontade de ouvir mais e mais essas lindas letras, cantadas belamente pelos atores; no entanto, algumas vezes as vozes ficaram cobertas pelos instrumentos. Apesar disso, a atmosfera sonora proposta ficou bem apresentada e foi compreendida.

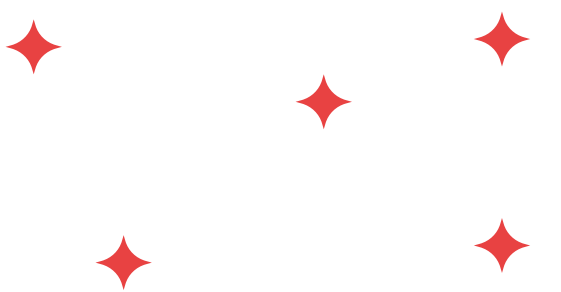
Em uma das cenas, é explorado o tema de identificação de gênero. Eles questionam o porquê de sempre

buscarmos um rótulo, uma identidade específica, única e imutável. O peixe Mero nasce como fêmea e, ao longo da sua vida, muda seu gênero pela necessidade de reprodução. Essa referência à biologia enfatiza a razão para a escolha do animal como tema central da peça e costura os temas ambientais e humanitários de maneira extremamente inteligente.

A relação entre homem e natureza, para nós, tem seu ápice quando, ao fim, os cinco atuentes adentram o enorme peixe. Cinco humanos cabem dentro de um peixe. Isso faz refletir e concluir: o ser humano, mesmo com sua insignificância, se acha grandioso, e no direito de explorar a natureza como se ela o servisse. A profundidade do mar e da vida se apresentam de um modo muito bonito em Mero e nós desejamos que o grupo siga espalhando essa beleza.

FOTO CAMILA FONTENELE





**“EU CANTEI QUE O
MUNDO ACABOU,
PORQUE ELE
ACABOU MESMO”**

POR JHONY FURLANETO

Estudante do 2º ano do curso de Artes
Cênicas do Conservatório de Tatuí e
bolsista estágio em produção cênica no 30º
FETESP

Não estou para escrever sobre a morte

Hoje não

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Não porque terminamos

Longe disso

Mas porque a vida tem se feito sentir

Viver não é deixar de morrer

Mas é não permitir que coisas outras

Que não a morte

Te matem

Só a morte tem direito de levar

E ela o faz com muita gentileza

A experiência da morte se torna amarga e fria

Por conta do que se fez antes de sua chegada

Por ter se matado

E ter sido matado

Por coisas e situações

Que não tinham relevância

Nem poder



SOBRE TEMPUS FUGIT

POR JHONY FURLANETO

Estudante do 2º ano do curso de Artes
Cênicas do Conservatório de Tatuí e
bolsista de produção no 30º FETESP.

Na gente bate no fim

e recomeça

seria uma ideia bonita

se não fosse repetição

AINDA REVERBERA

isso tudo já aconteceu antes
toda tragédia
todo momento histórico
toda dor
todo riso
toda luta
toda guerra
francamente
na cultura asteca
a humanidade foi recriada
ao menos 5 vezes
tudo refeito
tudo
refeito
por isso destruída
inteiramente
mundo e ser
ser mundo

AINDA REVERBERA

para ter noção da capacidade
do ser humano de infeccionar
vírus

Lembro de já ter escrito:

"Cá estamos no fim do mundo

Me pergunto tantas coisas [...]"

Listei vários questionamentos

E no fim, dizia:

"Tem sido crescente o sentimento de partida"

Bom,

digo de coração escancarado mais uma vez,

agora mais latente,

mesmos símbolos,

todo o restante diferente:

Tem sido crescente o sentimento de partida

AINDA REVERBERA

O fim chegou e estamos trabalhando.

As corporações não vão parar.

Seguiremos com medo de perder o sustento.

Que sustento?

A vida já está insustentável faz tempo!

A impunidade é um homem branco



LEMBRA DE MIM?

POR ANA MACHADO

Bolsista de apreciação crítica para o 30º FETESP para o espetáculo *Jacinta* – você só morre quando dizem seu nome pela última vez.

Chame meu nome mais uma vez

Me procure em seus sonhos

Em seus sorrisos

Me chame com lágrimas nos olhos

se for preciso

AINDA REVERBERA

Me procure como Jacinta procurou a si mesma
quando todos a esqueceram

Traduza suas emoções ao mencionar-me

Crave seus dentes a cada sílaba

Lamba seus lábios ao absorver o significado de mim

Mate-me

Mas faça gritando meu nome

Diga mil vezes se for preciso

Espirre as gotas de mim em seu corpo

Lambuze-se

Usufrua de meus pedaços ao chamar-me

Só diga

Se não saiba, pergunte

Busque saber

Não se deixe esquecer.



MORTES QUE VIVEMOS

POR VICTÓRIA MENDES

Estudante do curso de Teatro Adolescente do Conservatório de Tatuí, para o espetáculo *Jacinta – você só morre quando dizem seu nome pela última vez.*

Quantas vezes você já morreu?

Dizem que temos duas mortes: a da respiração, e a que acontece quando ninguém mais se lembra de nós.

Eu já morri. Várias vezes.

Mas não foi a morte de parar de respirar — foi a de ser esquecida.

As pessoas sofrem tanto pensando se serão lembradas depois que param de respirar... Mas, sinceramente, acho que os mortos são mais lembrados do que muitos vivos.

Eu já morri para muitas pessoas, mas não fico triste. Quando uma porta se fecha, outra se abre. Quando alguém te esquece, outra pessoa te guarda na memória com muito carinho — e isso é o amor verdadeiro. A amizade verdadeira. O amor de quem te tem como amiga, de quem cuida de um animalzinho de estimação, de quem caminha contigo.

Você pode ser esquecido por alguns, mas sempre será lembrado por outros.

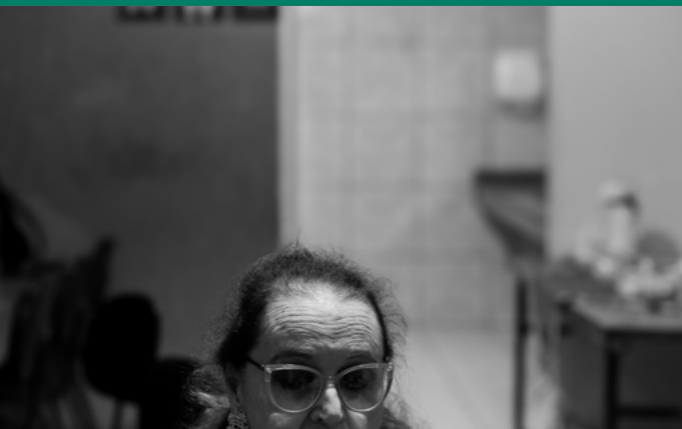
Você sempre vai ser lembrado.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE





[voltar ao topo](#)

EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores Convidados

Marcus Groza
Lucaz Eusébio

Colaboradores Bolsistas

Ana Machado
Ymoirá Micall

Colaboradores

Gabriel
Jhony Furlaneto
Maria Luiza Queiroz Freire
Vitória Mendes

Coletivos que Integram a Edição

Berinjelas Fritas
Labirinto do Meio Dia
Cia Tal&Pa
Núcleo Atuará

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele
João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP
Maurício Coronado

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio

Instituto  CCR

Zanchetta

cipatex®

 Drogal

MARQUESPAN
ALIMENTOS

 SICOOB

parceria



apoio



Secretaria de
Esporte, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 10005

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO